



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Chicko Sousa

Eu sou Chicko Sousa, fundador da Plataforma Verde. Eu trabalho com resíduos e o que nós desenvolvemos aqui no Brasil, e fora também, é software na área de gestão ambiental e eu vim dessa área há muito tempo; desde 1997 eu trabalho com resíduos, eu já tive mais de 13 fábricas em cinco estados no Brasil na área de reciclagem, mas me bateu uma conta de que realmente eu via que não tava causando nenhum tipo de impacto, nenhum tipo de mudança, e em 2011 eu decidi vender tudo. E quando eu fiz essa mudança, eu tentei me descobrir e descobrir o quê que eu poderia fazer dentro dessa área, então em 2013 acabei montando uma consultoria e comecei a desenvolver trabalhos pro bono para prefeitura de São Paulo. Uma das primeiras coisas que desenvolvi, foi todo o espoco técnico das sacolas verdes e cinzas, as chamadas sacolas de bio plásticas, em São Paulo que acabou virando lei aqui no Rio de Janeiro nesse ano também, reduzindo o impacto e o consumo de sacolas plásticas, e que hoje, cinco anos depois, já tá virando essa questão do plástico ser o grande vilão no mundo. Mas além disso eu descobri que precisava ir além, que a gente lidava com os problemas sem conhecer os problemas, e dessa forma então que eu tentei me reinventar como pessoa também, e tentar trazer um pouco mais de tecnologia para minha vida, tecnologia para minhas ações e utilizar a tecnologia para o bem social. A Plataforma, ela é um sistema privado entre entes privados, que controla toda a sua cadeia de produção.

Então a gente controla desde dados extração de matéria-prima, dados de transformação dessa matéria-prima em subprodutos, a entrega desses subprodutos para sua fabricação até chegar a um produto final final. Após esse produto final, a gente também controla seu descarte e sua destinação e a vida útil desse produto, que pode retornar a um processo industrial, por um conceito que todo mundo chama de economia circular, que é a aplicação direta da reciclagem. A gente controla em cima de tudo isso, também, vários standards técnicos dentro dessas indústrias, atendimento legal às legislações vigentes de transporte, de produção, trabalhistas... Então tudo aquele conceito que você como a empresa tem uma obrigação ou perante o estado [seja do ente federal, estadual ou municipal], ou perante até ao seu ente pagador (às vezes eu sou o fornecedor de uma grande empresa), tudo que ele determina como regra a gente consegue aplicar no software como um controle online em que todos vão imputando esses dados, então a gente acaba virando uma ferramenta de auditoria em real-time. Então com isso a gente já consegue reduzir riscos e custos processuais, reduzir volume gerado de resíduos, a gente consegue evitar a geração de resíduos dentro da cadeia de suprimentos, e dessa forma também controlar o uso de matérias-primas, focando então numa aceleração de produção mais limpa, como a gente

chama, em que você usa menos matéria-prima pra uma maior produção de bens de consumo. Eu sempre digo que seres humanos, políticos e legislação não acompanham a tecnologia. A tecnologia hoje em dia ela tá muito rápida. Sempre dou o simples exemplo do celular, quem usa um celular cujo sistema é um sistema Android, ele não consegue usar um Apple e vice-versa. Porque a nossa mente também tem limites. A tecnologia está tão rápida, tão rápida e tão rápida, que a gente não consegue acompanhá-la, e a legislação muito menos. Dessa forma a gente tem que ser... eu sempre digo que não é a tecnologia a grande diferença perante mercado e perante o seu potencial cliente ou mesmo perante a ação social que você vai desenvolver, porque a tecnologia já existe. A famosa quarta revolução industrial, na verdade, é a revolução das API's, Você pega várias tecnologias já existentes e aplica ela dentro de um único produto. O que vai mudar, na verdade, é o empreendedor. Os fundos quando eles fecham o primeiro acordo, eles não fecham com a tecnologia, eles fecham com empreendedor. Então é uma mistura de capacidades humanas com aplicações técnicas, então o empreendedor tem que estar muito consciente de que não vai ser a tecnologia que vai resolver o problema dele, mas como ele vai direcionar e aplicar essa tecnologia no seu uso. E no que a gente diz na questão de negócios sociais, 80% empreendedor e 20% tecnologia. Existe a dor daquela empresa que realmente tem um commitment muito maior com a questão ambiental, sustentabilidades, existem acordos mundiais... o novo tratado de Davos está vindo aí em janeiro, vai ser assinado entre 21 a 24 de janeiro, e existem aquelas empresas que acabam sendo signatárias desse tipo de acordo. Existem empresas, grandes marcas, que elas criam as suas próprias demandas sustentáveis, porém, eu sempre falo que no final das contas é uma relação econômica: se ele consegue ver que ele consegue ter resultado sendo mais sustentável, que ele consegue ter resultado gerando menos lixo, que ele consegue ter resultado controlando melhor o material, ele controla o material, impacta menos o meio ambiente, executa todos os atendimentos legais, ou seja, ele foge do risco de ser multado pelo governo e ele ainda consegue aplicar o bem a sociedade. Porque infelizmente, na sociedade que nós temos, é uma sociedade baseada em produção. Se os países e as empresas deixarem de produzir, o mundo quebra.

O Brasil tenta alcançar hoje um PIB de 4%, a gente tá ainda na verdade num PIB na verdade de 2% no Brasil, se a gente não atingir 4% a gente não consegue fazer frente às demandas públicas, às demandas sociais, aos requisitos de saúde e segurança que a população necessita, então o próprio ente social precisa que o mundo produza, só que a gente não pode continuar produzindo da forma exacerbada como tá sendo. Então, se as empresas forem mais conscientes no uso da sua matéria-prima, nos seus descartes e conseguirem produzir produtos com menos matéria-prima, entregando o mesmo valor aos seus clientes, ela vai ser sustentável porém ela também vai se sustentar financeiramente e desse sustentar financeiramente ela consegue apoiar políticas públicas para sustentar a própria sociedade. Então, dessa forma, o que a gente aplicou dentro da Plataforma Verde é que a gente percebeu que as empresas sempre tem aquele quesito econômico para tomar uma ação ou um medo de uma fiscalização então, para nós, doía muito no ouvido escutar de empresas que "a sua solução é excelente, mas eu não sou fiscalizado". Então a ação mais "kamikaze", vou usar o termo que a gente utilizou dentro da plataforma, foi criar um software de fiscalização e doar para cidade de São Paulo. Só nessa ação de doação pública para o município por 8 anos de um sistema de fiscalização sobre a geração de resíduos da indústria, a gente nesse 1º ano tá reduzindo o custo público em R\$ 130.000 por ano e quase que mil toneladas por dia de resíduos enviados para aterros. Então essa semana a gente entrou também em acordo com município do Rio de Janeiro, com município de Belo Horizonte, com a cidade de Nova York, fazendo também a doação do sistema para essas outras capitais para trazer esse mesmo impacto positivo para a sociedade. Então a gente vê a cidade muito referente ao político e ao cidadão, e aí a gente esquece que dentro da cidade também existe o comércio e a indústria. Só na cidade de São Paulo são mais de 665.000 empresas registradas, isso é maior do que inúmeras cidades brasileiras. Então a gente tem que entender que é a indústria e o comércio tem um impacto muito grande no

ecossistema de uma cidade, e por isso que a gente quis fazer essa ação de doação também. Eu acho que pra quem quer empreender, para quem tá com uma ideia bacana, a primeira coisa: vai dar medo, então a primeira coisa que te digo é se der medo, vai com medo mesmo. Porém, independente do processo social você tem que ter algo que seja extremamente vendável, mas além de ser vendável que você consiga entregar propósito e valor, porque se você só tiver propósito e valor você não vai ter quem invista e se você não der resultado financeiro você pode dar o propósito no primeiro ano, mas você não vai conseguir dar esse propósito no segundo ano e no terceiro. Então não adianta apenas buscar o bem, a gente tem que buscar o bem mas ser sustentável financeiramente da mesma, então eu sempre digo: vão, acredite no seu modelo, busque parcerias, não precisa ser o dono da verdade em todos os processos, busque acelerações que possam trazer para você essa direção, mas pensa num negócio que ele também tem que dar resultado financeiro.